

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

CESAR EPITÁCIO MAIA

Secretaria Municipal de Educação

SONIA MARIA CORRÊA MOGRABI

Subsecretaria

ROJANE CALIFE JUBRAM DIB

Chefia de Gabinete

MARIZA LOMBA PINGUELLI ROSA

Assessoria Especial

SYLVIA REGINA DE MORAES ROSOLEM

Assessoria de Comunicação Social

LÉA MARIA AARÃO REIS

Assessoria Técnica de Planejamento

LUIZA DANTAS VAZ

Assessoria Técnica de Integração Educacional

PAULO CESAR DE OLIVEIRA REZENDE

Departamento Geral de Educação

LENY CORRÊA DATRINO

Departamento Geral de Administração

LUCIA MARIA CARVALHO DE SÁ

Departamento Geral de Recursos Humanos

MARIA DE LOURDES ALBUQUERQUE TAVARES

Departamento Geral de Infra-Estrutura

JOSÉ MAURO DA SILVA

Redação Final

SONIA MARIA MALTEZ FERNANDEZ
MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA
ANDREA PINTO FILIPECKI

Agradecimentos

À SONIA MARIA MALTEZ FERNANDEZ, ETERNA PROFESSORA E NOSSA
FONTE DE INSPIRAÇÃO.
LOURDES APARECIDA BERNARDO M. GIGANTE
MARIA JOSÉ PINHEIRO F. DE MELLO
MARIA DE FÁTIMA G. DA CUNHA
ÀS ESCOLAS MUNICIPAIS PELAS CESSÕES DAS IMAGENS.

Créditos Técnicos

Coordenação Técnico-Pedagógica

LENY CORRÊA DATRINO
MARILA BRANDÃO WERNECK
NUVIMAR PALMIERI M. DA SILVA
ANTONIO AUGUSTO ALVES MATEUS FILHO
MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA
CARLA FARIA PEREIRA

Equipe de Apoio

MARILENE MARTINS DE C. BARBOSA
SANDRA CONTI PADÃO
LAILA DE PAIVA PEREIRA

Criação de Capa e Projeto Gráfico

TELMA LÚCIA VIEIRA DÁQUER
DALVA MARIA MOREIRA PINTO

Fotografia

ARQUIVO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Editoração Eletrônica

PADOX - COMUNICAÇÃO - 2ª EDIÇÃO

Supervisão e Produção Gráfica

GRÁFICA POSIGRAF - 2ª EDIÇÃO

Impressão

GRÁFICA POSIGRAF - 2ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal
de Educação. **Multieducação**: Refletindo
sobre o Trabalho no 1º Ciclo de Formação.
2.ed. Rio de Janeiro, 2007. (Série A
Multieducação na Sala de Aula)

Aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

Em 1996, o Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO foi encaminhado a toda Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, tendo como pressuposto “lidar com os múltiplos universos que se encontram na escola” (NCBM, p. 108), buscando a unidade na diversidade.

Na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, procuramos desenvolver um trabalho de qualidade, promovendo a aprendizagem e privilegiando uma proposta que traz para dentro da escola a vida, o dia-a-dia, o mundo. Esse mundo passa por constantes transformações e a escola precisa acompanhar essas mudanças. Por isso, a necessidade de atualização do Núcleo Curricular Multieducação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais em seus Princípios Éticos, Estéticos e Políticos.

Fazemos parte da história da educação da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. História de uma rede coordenada por uma Secretaria Municipal de Educação, formada por 10 Coordenadorias Regionais de Educação, abrangendo 1055 Unidades Escolares, 241 Creches, 20 Pólos de Educação pelo Trabalho, 9 Núcleos de Artes, 12 Clubes Escolares, 1 Centro de Referência em Educação Pública, 1 Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos e o Instituto Helena Antipoff – Referência em Educação Especial, compreendendo funcionários, professores e alunos.

É uma história marcada por lutas, sonhos, projetos e que vem objetivando a garantia do acesso, permanência e êxito escolar de todas as crianças que, como alunos desta rede, têm o direito à livre expressão, à interação com os seus pares, ao diálogo com os professores, direção e outros profissionais, exercitando, assim, a sua cidadania.

Acreditando na democracia é que optamos pela valorização da representatividade como um dos eixos desta gestão, identificada na

formação de diversos grupos: Conselho de Dirigentes, Conselho de Diretores, Conselho de Professores, Conselho de Alunos, Conselho de Funcionários, Conselho de Responsáveis, Conselho Escola-Comunidade, Grêmios, Comissão de Professores e Representantes dos Coordenadores Pedagógicos. Desta forma, estabelecemos com a comunidade escolar um processo dialógico, desde 2001. Foram ouvidas múltiplas vozes: da comunidade escolar e das Coordenadorias Regionais de Educação. Expectativas, conceitos, críticas e sugestões foram apresentadas. Foi nosso objetivo instaurar um tempo de gestão participativa, valorizando as muitas experiências que emergem do campo e as histórias do cotidiano dos diversos atores envolvidos no cenário educacional da cidade do Rio de Janeiro.

A partir dos encontros com esses diferentes segmentos, várias sugestões de temas para a atualização da Multieducação foram encaminhadas. Elencamos os temas prioritários, a partir das proposições feitas, sendo aceitos e incorporados às duas séries publicadas: “Temas em Debate” e “A Multieducação na Sala de Aula”.

Dentre as diversas ações da Secretaria Municipal de Educação na produção dos fascículos, destacamos o trabalho dos professores na elaboração dos textos. Sendo assim, houve fóruns de professores da Educação Infantil, Grupos de Estudos dos professores regentes de Sala de Leitura, Grupo de Representantes de professores das diversas áreas do conhecimento e de professores da Educação de Jovens e Adultos.

Esperamos que a discussão do material produzido continue em todos os espaços das Unidades Escolares, das Coordenadorias Regionais de Educação e nos diversos Departamentos do Órgão Central, permitindo reflexões e conclusões.



Sonia Maria Corrêa Mograbi

Secretária Municipal de Educação

REFLETINDO

SOBRE O TRABALHO NO 1º CICLO DE FORMAÇÃO

Neste fascículo, pretendemos refletir sobre o trabalho no Ciclo de Formação.

Apresentamos, a seguir, um breve histórico do processo de implantação e implementação do 1º Ciclo de Formação, na Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

O Núcleo Curricular Básico Multieducação, elaborado com a participação dos professores das escolas, ao final de sua construção (1996) referendava, uma organização escolar em regime seriado. Posteriormente, no ano de 2000, foi implantado o Ciclo, objetivando o atendimento aos alunos com 6, 7 e 8 anos de idade. O Documento Preliminar enviado ao campo apresentava as orientações básicas para esse trabalho.

Com a Portaria E/DGED nº.08 de 04/01/2001 são criadas as Classes de Progressão para os alunos que ingressaram na rede de ensino tardiamente e, também, aqueles que não concluíram o 1º Ciclo com sucesso, necessitando de um pouco mais de tempo para que lhes fossem ensinados os conhecimentos e valores necessários à continuidade da sua escolaridade¹.

Em 2001, o Departamento Geral de Educação – E/DGED – reuniu os professores do Ciclo, com o objetivo de ouvi-los, conhecer suas expectativas, críticas e sugestões. Nessa ocasião, eles solicitaram maior aprofundamento das questões relativas ao sistema ciclado.

¹ Em 2007, com a ampliação do Ciclo de Formação para todo o Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, as Classes de Progressão foram extintas.

Foi oferecida, então, uma proposta de Formação Continuada aos professores do Ciclo e da Progressão, dando-lhes a oportunidade de aprofundarem seus conhecimentos.

Valorizando a representatividade, o E/DGED propôs a criação das Comissões de Professores, objetivando a discussão de temas pedagógicos. Instalou-se assim, mais um processo dialógico entre órgão central, órgão intermediário e escola, propiciando a apresentação de diversos temas para a atualização da Multieducação, sendo um dos mais indicados o **1º Ciclo de Formação**.

Ao ser elaborado este fascículo, priorizamos discutir sobre os processos de apropriação da leitura e da escrita e algumas questões relativas à Matemática, considerando que contribuirão para a formação integral do aluno, uma vez que são instrumentos indispensáveis do conhecimento. Pretendemos, assim, auxiliar o planejamento do trabalho pedagógico a ser realizado nas turmas do Ciclo de Formação.

Com a implantação desse sistema, buscou-se uma nova organização curricular, apresentando outra forma de estruturação do tempo escolar. Tempo este que se identifica com o de formação do desenvolvimento humano: infância, pré-adolescência e adolescência.

Educação por ciclos de formação é uma organização do tempo escolar para atender melhor às características biológicas e culturais do desenvolvimento de todos os alunos. Não significa, portanto, “dar mais tempo para os mais fracos”, mas, antes disso, é dar o tempo adequado a todos. (LIMA, 2000, p.9).

Trata-se, portanto, do direito que cada aluno tem de ser atendido em suas necessidades, o que não significa que vivenciará o processo escolar de forma mais lenta que os demais alunos.

Os professores, ao entenderem que o 1º Ciclo de Formação não se traduz em um somatório de séries – CA, 1ª e 2ª, irão planejar o seu trabalho tendo por base uma nova organização temporal, constituída por um período de 600 dias letivos, sem contudo trabalhar os conteúdos de forma estanque, descontextualizados ou determinados rigidamente, ano a ano.

O professor necessita saber a história de vida dos alunos, sua bagagem cultural, seu contexto de vida, seus sonhos e aspirações, seus interesses..., valorizando a sala de aula como um espaço de relações de ensino que influenciam a constituição dos sujeitos.

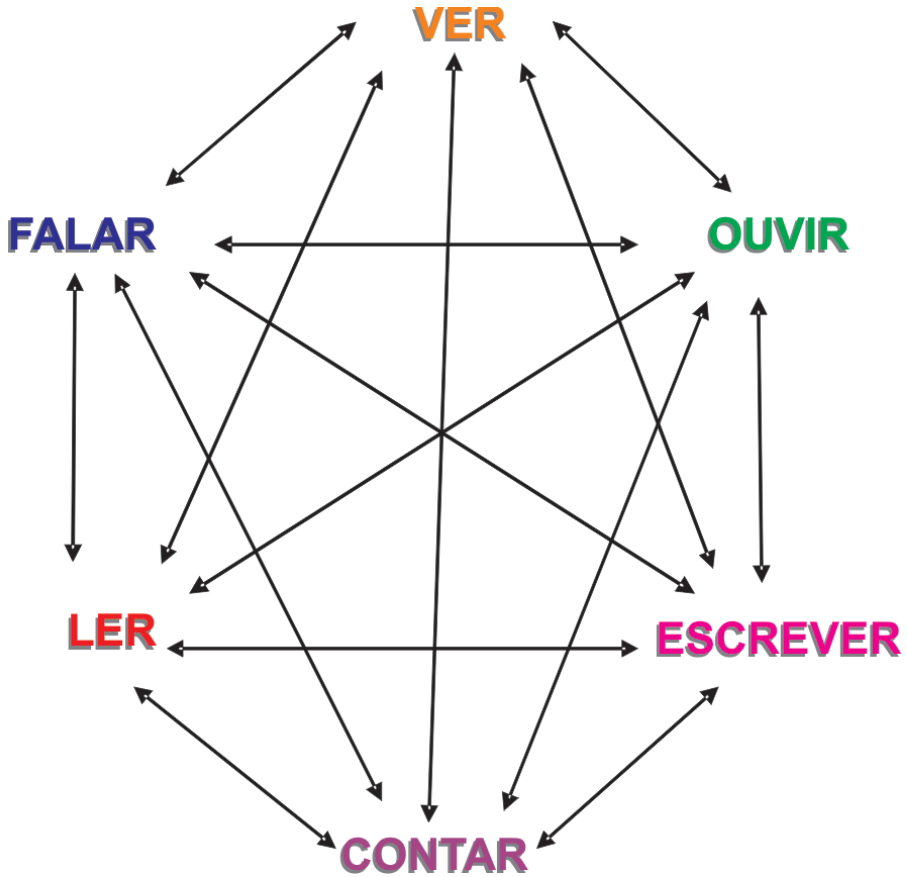
Sendo assim, o professor deve propiciar o atendimento à diversidade, tendo o pressuposto de que todos os alunos são capazes de aprender. É importante que ele desenvolva adaptações curriculares, atendendo, assim, às diferentes necessidades educacionais de seus alunos.

É fundamental o papel do professor enquanto mediador, enquanto par mais capaz, atento às demandas apresentadas pelos diversos grupos, nas diferentes situações de sala de aula. Mobilizar e instrumentalizar os alunos para que se apropriem de conhecimentos para a sua vida, precisa ser a sua meta.

O espaço da sala de aula deve ser de acolhimento, de inclusão, onde o professor promova atividades alternativas, estratégias diversas, para que todos os alunos se apropriem do conhecimento, sentindo-se incluídos na proposta educacional. Conhecer as necessidades educacionais dos alunos e planejar um trabalho pedagógico que ofereça respostas educativas adequadas é responsabilidade de toda a escola e de cada professor, seja ele do Ciclo de Formação ou do regime seriado.

É importante que a escola ofereça “um ambiente onde o trabalho coletivo e a solidariedade sejam valorizados e colocados como ancoragem da aprendizagem.” (FREITAS, 2003, p.59).

Ressaltamos seis eixos básicos que irão nortear o pensar, o sentir e o fazer do professor e alunos no processo de ensino e aprendizagem.



É nesse movimento do ir e vir, das percepções e ações, do pensamento e linguagem que elencamos alguns pressupostos para o desenvolvimento do processo de representação simbólica sobre o qual emerge a alfabetização.

1. A criança aprende a falar e a ouvir, construindo e reconstruindo significados produzidos nas relações presentes na vida.
2. Produzir linguagem significa dizer alguma coisa para alguém, de determinada forma, num determinado contexto. Produzir linguagem significa produzir discursos.
3. O discurso nunca se repete, mas é sempre decorrente da situação em que se realiza e determinado pelo contexto e pelo momento em que se produz.

4. A linguagem se realiza no uso concreto que fazemos dela; ela somente ocorre nas práticas sociais.
5. A linguagem só se realiza no diálogo. Por intermédio do diálogo, das trocas entre interlocutores, as idéias e sentimentos são expressos, propostas são debatidas, pontos de vista são negociados.
6. Falar, ler e escrever, embora sejam realizações humanas relacionadas, são de naturezas distintas.
7. Linguagem oral e linguagem escrita são sistemas simbólicos criados pelo homem, sendo que a fala é uma construção social, a partir da possibilidade genética da espécie humana, enquanto a escrita depende do ensino intencional e organizado.
8. A escrita é um produto da evolução histórico-cultural da humanidade; é um sistema organizado e, portanto, para dominá-lo, a pessoa precisa compreender a sua organização. A escrita é, assim, uma prática social dos membros de uma sociedade letrada.
9. Enquanto sistema, a escrita necessita ser ensinada, procurando-se, para isso, empregar atividades significativas para os alunos.
10. A leitura e a escrita não são meras técnicas, mas existem apropriações de caráter técnico que necessitam ser realizadas.
11. O desenvolvimento é impulsionado pela apropriação da leitura e da escrita, isto é, o processo de elaboração do pensamento de quem lê e escreve sofre um diferencial qualitativo em relação aos demais.
12. Ler e escrever se aprende lendo, escrevendo e pensando, ou seja: é no próprio ato da interação via escrita que se dá a apropriação desse sistema de representação.
13. Os alunos se apropriam dos conhecimentos formais e, especificamente, da leitura e da escrita, por meio de processos de interação dialógica, em que o professor é o seu principal interlocutor.
14. As crianças formam, antes de ingressar na escola, noções de tempo, espaço, forma, medida e numeração. Tais noções devem ser consideradas pelo professor como ponto de partida para a constituição dos conhecimentos matemáticos a serem sistematizados.

Sobre o processo de apropriação da leitura e da escrita, foco do trabalho no 1º Ciclo de Formação, sabemos que não basta o aluno adquirir a tecnologia da codificação em língua escrita (escrever) e decodificar a língua escrita (ler).

É necessário apropriar-se da leitura, fazendo uso das práticas sociais de leitura e escrita, articulando-as ou dissociando-as das práticas de interação oral, conforme as situações[...] Escrever é comunicar-se, é interagir; comunica-se, interage quem tem o que dizer, a quem dizer, e um objetivo que pretende alcançar através da interlocução. (ROCHA, 1999, p.5-18).

É preciso que o aluno construa sentidos e significados ao longo das trocas lingüísticas orais ou escritas que se efetuam.

Aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, codificar e decodificar, envolve aprender a segurar um lápis, escrever e ler da esquerda para a direita, etc. São aspectos no processo de apropriação da leitura e da escrita, que chamamos de técnicos. Associada a essa questão, existe todo um trabalho que envolve o processo de compreensão, de apreensão de significados e sentidos. Não basta, portanto, se apropriar do código escrito. É preciso que se atribua sentido ao que se escreve e ao que se lê. A alfabetização não se restringe à apropriação do código.

A leitura crítica de um texto ultrapassa os limites da simples decodificação. É primordial para a formação do aluno o desenvolvimento de julgamentos e posicionamentos frente à leitura. A capacidade de reflexão decorre tanto dos conhecimentos construídos, quanto da ação dos mediadores. Não decorre, portanto, de um processo de maturação (desenvolvimento puramente biológico).

Nessa perspectiva, vamos tecer algumas considerações sobre os objetivos de trabalho do 1º Ciclo de Formação entendendo que conceber a constituição de conhecimentos e valores nessa proposta pressupõe continuidade e não ruptura do processo de aprendizagem.

Optamos por apresentar os objetivos divididos em duas áreas, estabelecidas apenas para fins metodológicos, visando a organizar didaticamente o processo de aprendizagem da língua. Suas delimitações são artificiais, mesmo em se tratando de áreas do conhecimento, pois elas devem ser trabalhadas numa perspectiva interdisciplinar. Ao privilegiar Língua Portuguesa e Matemática, esperamos que o professor compreenda que as demais áreas de conhecimento estarão diretamente articuladas a elas em seu planejamento.

A educação, organizada em Ciclos, deve promover a formação humana, incluindo os processos de comunicação, através dos sistemas expressivos (movimento, atividades estéticas como dança, teatro, mímica, desenho, grafismo, a linguagem enquanto sistema expressivo – literatura, poesia etc.) e o desenvolvimento das linguagens simbólicas (a escrita, a linguagem matemática e as linguagens específicas de áreas do conhecimento...). (LIMA, 2000, p.14).

A ênfase nos objetivos a serem alcançados pelos alunos do 1º Ciclo de Formação está pautada na apropriação, significação e produção da oralidade e da escrita de forma crítica e contextualizada. **Nossos alunos têm no espaço e tempo do Ciclo as possibilidades de aprender a ler, escrever, contar e de transformar suas vivências, ampliar seus contextos de interação tornando-se sujeitos leitores e produtores de texto.** Na história cotidiana desse fazer pedagógico, incorporam-se as áreas curriculares que envolvem as Ciências, a Matemática, a História, a Geografia, a Educação Física e a Arte.

Outro ponto de destaque, quando se trata dos objetivos, é compreendê-los numa perspectiva processual, o que inviabiliza a determinação de especificidades por tempo determinado, como um ano, por exemplo. Isso é reforçado à medida que ainda estamos atrelados à situação real de que continuamos nos apropriando dos conteúdos dos livros didáticos e materiais outros que nos remetem a essa forma de encaminhamento do trabalho: com seqüências rígidas e fechadas, não só em termos de ordenação dos objetivos, como

também de desenvolvimento dos conteúdos. Se assim o fizermos, estaremos, de alguma forma, seriando novamente.

Isso não impossibilita, porém, que estejamos fazendo um exercício de detalhamento dos objetivos que se pretende atingir ao final do 1º Ciclo de Formação, como se verá a seguir. Antes disso, apenas uma questão importante que precisa ser trazida à reflexão, ainda nesse aspecto, quando se trata de objetivos, é o fato de que temos visto muitos professores, equivocadamente, compreender os 3 períodos do 1º Ciclo de Formação como o tempo para o aluno aprender a ler e a escrever, numa postura reducionista, como se o tempo tivesse se ampliado para que os objetivos/ conteúdos que antes eram previstos para 1 ano continuassem os mesmos (o que o aluno não aprender neste ano, aprenderá nos seguintes). É preciso ter clareza de que, ao se ampliar os objetivos, será necessário diversificar as situações de aprendizagem, aprofundando os conceitos. Enfim, devemos entender que a reorganização do tempo e do espaço na escola demanda uma mudança do olhar sobre o planejamento e sobre a prática pedagógica.

Língua Portuguesa

LINGUAGEM ORAL

- ⌘ Comunicar seus sentimentos, desejos e opiniões por meio da linguagem oral.
- ⌘ Expressar-se oralmente em situações de interlocução formais e não-formais, relacionadas ao cotidiano, fazendo-se entender e procurando entender o outro.
- ⌘ Discutir questões ligadas ao tema trabalhado.
- ⌘ Perceber o ritmo, a sonoridade, a musicalidade e a expressividade como partes integrantes do texto oral.
- ⌘ Identificar elementos não-verbais na comunicação: gestos, expressões faciais, entonação, etc.
- ⌘ Familiarizar-se na sala de aula com a prática social tradicional do contar e ouvir histórias.
- ⌘ Identificar e analisar as relações entre texto e ilustração.
- ⌘ Produzir textos orais para ilustrações.
- ⌘ Saber interrogar quando não entender o que está sendo exposto, formulando perguntas para seu interlocutor.
- ⌘ Saber ouvir o interlocutor, percebendo os momentos adequados de interferência no diálogo.
- ⌘ Manifestar tratamento de polidez em situações discursivas (pedir desculpas, agradecer, etc).
- ⌘ Transmitir recados em diferentes situações concretas.
- ⌘ Expressar opiniões a partir de situações concretas, fatos acontecidos ou lidos, etc.
- ⌘ Utilizar a linguagem oral para argumentar e defender seus pontos de vista sobre um assunto.
- ⌘ Comparar e avaliar respostas de interpretação oral, refletindo a que melhor se encaixa na questão.

- ⌘ Relatar, narrar acontecimentos, histórias e fatos com coerência.
- ⌘ Descrever cenas, fatos, objetos e personagens do texto.
- ⌘ Expressar opiniões sobre assuntos e fatos concretos do dia-a-dia, fazendo comparações e relações.
- ⌘ Narrar fatos expressando noções de temporalidade e causalidade.
- ⌘ Comentar criticamente cenas do dia-a-dia.
- ⌘ Produzir e ouvir textos orais de diferentes gêneros e com diferentes funções, de modo individual e/ou coletivo.
- ⌘ Analisar gravuras e objetos.

LEITURA

- ⌘ Ler ilustrações e outras formas de expressão que não envolvam a escrita (pinturas, fotos, escultura, imagens de TV, etc).
- ⌘ Perceber as diferenças entre texto escrito e outras formas de registro (desenhos, fotos, etc).
- ⌘ Reconhecer os diferentes tipos de texto e suas estruturas.
- ⌘ Reconhecer os diferentes portadores de texto.
- ⌘ Ler e interpretar diferentes textos.
- ⌘ Perceber a utilização de diferentes possibilidades de leitura: ler para se divertir, para estudar, para descobrir algo, para revisar, etc.
- ⌘ Ler em voz alta.
- ⌘ Ler silenciosamente.
- ⌘ Interpretar o que foi lido, evidenciando compreensão por meio de desenho, dramatização e respostas às perguntas feitas.
- ⌘ Ler textos, identificando elementos solicitados (idéia central, ambiente, personagens, seqüência dos fatos).
- ⌘ Ler e perceber os diferentes significados das palavras e os diferentes significados que uma mesma palavra pode assumir nos textos.
- ⌘ Identificar unidades menores nos textos (frases, palavras, sílabas e fonemas).

- ⌘ Identificar letras, sílabas, número de sílabas, letra inicial/final e sílaba inicial/final.
- ⌘ Ler e compreender mensagens de diferentes tipologias textuais (jornais, poemas, letras de músicas, receitas, listas e outras).
- ⌘ Ler e analisar, de modo crítico, o texto lido.

ESCRITA

- ⌘ Perceber a direção da escrita na Língua Portuguesa (escreve-se da esquerda para a direita e de cima para baixo).
- ⌘ Fazer registro escrito dos textos orais produzidos e de outros textos, a partir de situações concretas.
- ⌘ Identificar o alfabeto como conjunto de símbolos próprios da escrita, reconhecendo a imagem de cada letra.
- ⌘ Realizar atividades escritas ligadas à aquisição do sistema alfabético, identificando letras, sílabas, número de sílabas, letra inicial/final e sílaba inicial/final.
- ⌘ Identificar sílabas iniciais e finais nas palavras, pesquisando e escrevendo outras que comecem ou terminem iguais.
- ⌘ Relacionar grafema-fonema, compreendendo como se combinam as letras e sons.
- ⌘ Perceber o espaçamento entre as palavras como característica própria da escrita.
- ⌘ Comparar diferentes sons de sílabas com grafias idênticas (por exemplo: **caro/roda**).
- ⌘ Comparar fonemas iguais com grafias diferentes (por exemplo: **cebola/ semente**).
- ⌘ Evidenciar escrita alfabética no texto produzido.
- ⌘ Reconhecer as diferenças entre texto oral e escrito.
- ⌘ Reconhecer a função social da escrita (escreve-se para alguém, com determinada intenção).
- ⌘ Escrever com coesão e coerência.

- ⌘ Utilizar os sinais de pontuação para marcar na escrita a emoção, a entonação, etc, que temos na oralidade.
- ⌘ Revisar o texto escrito (individualmente, em duplas, em grupos).
- ⌘ Desenvolver o texto, mantendo o tema proposto, compreendendo que todas as partes estão relacionadas entre si e com uma unidade de sentido maior: a intenção, o tema, o assunto.
- ⌘ Utilizar adequadamente os elementos coesivos no texto, enquanto palavras ou expressões utilizadas para ligar as partes do texto ou evitar repetições desnecessárias.
- ⌘ Ampliar ou resumir textos, com auxílio do professor.

Matemática

- ⌘ Perceber a diferença entre letras e números.
- ⌘ Reconhecer que os números estão presentes nos vários portadores textuais (nos jornais, nas revistas e em outros materiais).
- ⌘ Reconhecer a importância do número no cotidiano.
- ⌘ Utilizar diferentes estratégias para quantificar elementos de uma coleção: contagem, pareamento, estimativa e correspondência de agrupamentos.
- ⌘ Realizar diferentes agrupamentos relacionados a uma mesma quantidade.
- ⌘ Identificar onde há mais, menos e igual quantidade, relacionando quantidade ao número de elementos apresentados.
- ⌘ Ler e registrar quantidades.
- ⌘ Comparar e ordenar números.
- ⌘ Agrupar quantidades, utilizando materiais concretos para dar suporte à contagem.
- ⌘ Trabalhar com as ações das operações de adição, subtração, multiplicação e divisão, a partir de situações cotidianas.
- ⌘ Usar os sinais convencionais (+, -, x, :, =) na escrita de operações.

- ⌘ Utilizar diferentes estratégias para identificar números em situações que envolvam contagem e medidas.
- ⌘ Utilizar estimativa para avaliar a adequação de um resultado.
- ⌘ Compreender a necessidade de utilização de unidades padronizadas para realizar diversas medições.
- ⌘ Utilizar instrumentos de medida, usuais ou não, estimar resultados e expressá-los por meio de representações não-convencionais.
- ⌘ Identificar medidas de tempo (hora/minuto), espaço (metro) e quantidade (litro, quilo, dúzia), pela observação de diferentes situações do cotidiano.
- ⌘ Comparar diferentes grandezas da mesma origem, por meio de estratégias pessoais e do uso de instrumentos de medida conhecidos (fita métrica, balança, recipiente de um litro e outros convencionais).
- ⌘ Reconhecer grandezas mensuráveis – comprimento, massa, capacidade.
- ⌘ Identificar palavras que expressam os conceitos de medidas.
- ⌘ Identificar e utilizar informações sobre tempo e temperatura.
- ⌘ Identificar e utilizar diferentes tipos de registros de tempo (calendários, agendas e outros).
- ⌘ Utilizar unidades de medida de tempo (horas exatas).
- ⌘ Estabelecer noções de duração e seqüência temporal (dia, semana, mês, ano, semestre).
- ⌘ Interpretar informações apresentadas em tabelas e gráficos.
- ⌘ Identificar o uso de tabelas e gráficos como formas de linguagem matemática.
- ⌘ Construir formas pessoais de registro para comunicar informações coletadas.
- ⌘ Identificar cédulas e moedas que circulam no Brasil e utilizá-las de acordo com seus valores.
- ⌘ Dimensionar espaços, percebendo relações de tamanho, forma e posição.
- ⌘ Identificar as formas geométricas sólidas e planificadas.

PROPOSTA DE TRABALHO COM A LEITURA E A ESCRITA

A opção metodológica que estaremos apresentando neste documento pressupõe que o texto é a base de trabalho no processo de apropriação da leitura e da escrita.

De que textos estamos falando? Textos que circulam no nosso cotidiano, textos orais produzidos pelos alunos em conjunto com o professor, textos relacionados a gêneros discursivos que o professor geralmente utiliza — contos, poemas, notícias, canções e outros que sejam interessantes para a turma e apropriados ao grupo, ao mesmo tempo que permitem o trabalho de sistematização dos diferentes aspectos da Língua.

Não estamos, assim, nos reportando aos textos construídos apenas com o objetivo de ensinar os alunos a ler e a escrever, normalmente presentes nas cartilhas, pois são, na maioria das vezes, desprovidos de sentido e de difícil construção de significado. Sob este aspecto, Luria (2001, p. 45) enfatiza:

O “significado” é um sistema estável de generalizações, que se pode encontrar em cada palavra, igualmente para todas as pessoas. [...] Por sentido entendemos o significado individual da palavra. Vemos, então, que a mesma palavra possui um significado, formado objetivamente ao longo da história e que, em forma potencial, conserva-se para todas as pessoas, refletindo as coisas com diferente profundidade e amplitude. Porém, junto com o significado, cada palavra tem um sentido [...] ligado à situação dada e com as vivências afetivas do sujeito.

No entanto, o contato apenas com os diferentes tipos de textos não garante aos alunos a apropriação do código alfabético e, em consequência, a capacidade de decifrar e compreender o que está escrito. A possibilidade de chegar à leitura e à escrita com autonomia, exige que, partindo de textos significativos, o professor proceda à sistematização necessária à

apropriação da linguagem escrita, **desde o Período Inicial do 1º Ciclo de Formação.**

Se, há alguns anos, a abordagem metodológica priorizava a apropriação do código alfabético, para, posteriormente, iniciar o trabalho com textos, atualmente, há indicadores de que o trabalho simultâneo e inter-relacionado propicia a vivência de um processo mais significativo para os alunos.

É no texto e no contexto que as palavras (e conseqüentemente as letras e sílabas) adquirem significação. Portanto, o caminho mais rápido e eficiente para se trabalhar com o aluno o conceito de palavras, de sílabas e de letras com seus respectivos e múltiplos sons, é através do que a sociedade produz e veicula a partir do texto. (BOZZA, 2003, p. 31).

É fundamental compreender que o trabalho com a língua escrita para o aluno passa pela discussão e reflexão de vários conteúdos da Língua Portuguesa, necessários para compor um texto, como: entender que existe espaçamento entre as palavras, que há outros sinais na escrita além das letras, que há uma unidade estrutural (cada tipologia textual é regida por características específicas), que há uma unidade semântica, etc.

Priorizar **a reflexão** sobre os fatos da língua, evitando-se, para isso, cair em atividades mecânicas e sem sentido para os alunos, é essencial.

É necessário um fazer pedagógico que lide com o eixo **USO - REFLEXÃO - USO**, ou seja, é preciso que os alunos tenham acesso aos textos de USO social (escritos na norma culta), que possibilitem a REFLEXÃO dos conteúdos da Língua Portuguesa e que possam remeter novamente ao USO (produção escrita individual ou coletiva dos alunos).

O processo de aquisição da escrita passa pela interação, pela interdiscursividade, incluindo o aspecto fundamentalmente social das funções, das condições e do funcionamento da escrita (para que, para quem, onde, como, por que escrevo).

Nesse sentido a alfabetização é um processo discursivo: a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita. Mas esse aprender significa fazer, usar, praticar, conhecer. Enquanto escreve, a criança aprende a escrever e aprende sobre a escrita. (SMOLKA, 2001, p. 63).

Quando nos referimos ao fato de que é necessário ao aluno exercer a escrita, não estamos aceitando passivamente que qualquer produção do aluno, nesse período de desenvolvimento, possa ser tomada como a escrita de uma palavra, frase ou texto. Para tornar-se palavra, ter significado e poder inserir-se numa rede de relações de sentidos, é preciso que seja escrita de forma compreensível por outros membros que compartilham a mesma língua. Por exemplo: um aluno para dizer pela escrita futebol, só poderá fazê-lo de uma forma: escrevendo FUTEBOL. Algumas letras isoladas ou rabiscos não serão lidos pela professora como FUTEBOL. Se a criança por meio da escrita espontânea registrar FTO na intenção de escrever a palavra futebol, o professor precisará intervir, interferir nesse processo de escrita, permitindo que o aluno reelabore o que escreveu. Procure fazer com que ele compare o seu registro com um cartão onde a palavra está escrita, verificando o que falta, o que está diferente. Usar o material de suporte exposto na sala para auxiliar o aluno a pensar nas sílabas que formam a palavra, pesquisar outras palavras que comecem igual à palavra a ser escrita e outros procedimentos, podem ajudar o aluno a refletir sobre a escrita convencional da palavra.

Portanto, para auxiliar o aluno na escrita de uma palavra, podemos buscar referenciais já conhecidos por ele e, por meio de um processo mediado, constituir juntos os parâmetros que viabilizem a escrita autônoma das palavras.

Atuando como escriba dos alunos, em situações coletivas ou individuais, o professor, enquanto mediador no processo e detentor dos conhecimentos sobre a estruturação textual, desvela, passo a passo, os princípios que norteiam o processo de apropriação da escrita e sobre os quais se consolidarão os conteúdos. Essa seria uma forma de os

alunos estejam sistematizando, principalmente, conhecimentos como: função social da escrita, direção da escrita, outros sinais utilizados para veiculação de idéias, etc.

É necessário atentar-se para o fato de que, se por um lado, a análise sobre um texto se encarrega de introduzir o aluno na reflexão sobre os processos mais amplos que embasam o processo de escrita, há que se garantir também o suporte para que ele compreenda, concomitantemente, como se dão as relações letra/som no sistema gráfico da Língua Portuguesa. Para isso é de fundamental importância que o professor domine princípios básicos desse sistema, como, por exemplo, que um som pode ser representado de várias maneiras diferentes. E, também, como bom mediador, deverá estar atento para poder aproveitar o maior número possível de situações sociais, como motivação para o sucesso da aprendizagem na escola e, conseqüentemente, do desenvolvimento do aluno.

O processo de análise da língua escrita pode ocorrer já no momento do trabalho com os primeiros referenciais escritos, sejam eles nomes carregados de significado, letras de músicas, poemas, etc. É interessante e importante que estas palavras ou textos sejam facilmente reconhecidos e utilizados como molas propulsoras, para desencadear algumas reflexões sobre como a escrita se organiza. Textos que permitam, por exemplo, fazer analogia de iniciais, analogias de rimas, etc.

Portanto, **o mais importante para o desenvolvimento de todo o trabalho em alfabetização é que se tenha clareza de que nesse processo existem duas questões relevantes: as que envolvem a estruturação textual, depois de compreendidos alguns conteúdos e significados, e a análise das unidades menores da escrita (palavras, sílabas e letras).** Em outras palavras: análise das relações (significado/código) entre as partes do texto e análise das relações (grafema/fonema) no interior da palavra. É necessário lembrar sempre que a intervenção do professor não pode se prender a uma forma de análise rígida, mas deve trabalhar com pressupostos relacionados ao sentido, num momento, e à decodificação, em outro.



E.M. Joracy Camargo - E/4ª CRE

Produzindo textos na sala de aula

À medida que o professor incentiva seus alunos a se expressarem, tanto oralmente como por escrito, eles têm a oportunidade de se posicionar de modo crítico sobre as situações vividas, apresentadas e discutidas na sala de aula, fazendo com que se percebam como elementos transformadores e responsáveis por seus atos e opiniões dentro do grupo. Por meio do diálogo, o aluno faz trocas que o ajudarão a:

- ⌘ formar novos conceitos;
- ⌘ conhecer melhor a realidade à sua volta;
- ⌘ ampliar seu vocabulário;
- ⌘ desenvolver raciocínio lógico (organizar o pensamento);
- ⌘ desenvolver a capacidade de escrita, comparação, análise e síntese;
- ⌘ desenvolver atitudes de respeito e colaboração com os demais.

Produzindo textos orais

É fundamental criar e aproveitar dentro da sala de aula o maior número possível de oportunidades nas quais os alunos venham a se expressar pela linguagem oral. Eles precisam falar, opinar, comentar sobre diversos assuntos, trazendo para o interior da escola toda riqueza de situações que o mundo oferece. Seus desejos, medos, fantasias, sonhos, dúvidas, angústias e gostos precisam ser expressos, e cabe ao professor criar situações para que isso se efetive. Assim como cabe ao professor, também, fazer com que os alunos reflitam, constantemente, sobre o que falam, como falam, garantindo que sejam compreendidos por todos.

Há, porém, alunos que nem sempre conseguem expressar oralmente o que pensam ou sentem na sala de aula. É o caso, muitas vezes, daqueles que trazem uma história escolar impregnada de fracasso e baixa auto-estima. Preferem calar-se. O que fazer nesse caso? São alunos que necessitarão, mais ainda, de propostas alternativas de trabalho, com situações variadas de aprendizagem e, se possível, com ampliação dos espaços de atividades, para que, de alguma forma, se descaracterizem ou se amenizem as experiências negativas que trazem. As trocas precisam ser mais enriquecidas e menos enrijecidas pelo ambiente escolar.

A qualidade das interações e das relações interpessoais é questão central para o desenvolvimento de um bom trabalho. Valorizar e respeitar, de fato, o que o aluno traz, parece estar sendo hoje um dos muitos desafios do professor.

Uma situação interessante e que pode ser uma boa estratégia, de início de ano, para os alunos se expressarem oralmente, é convidá-los a passear pela escola e suas imediações. Observá-la, compará-la com outros espaços, situá-la na comunidade, refletir sobre o que cada um gosta e o que não gosta nela, enfim, dialogar. Ao retornarem para a sala de aula, ou ainda fora dela, podem planejar algumas formas de registrar as impressões levantadas e as considerações feitas: criar maquetes, desenhar, pesquisar em revistas ou construir coletivamente um texto.

Lembre-se de que registros diversos permitem exercitar o princípio de que a expressão do pensamento acontece de diferentes formas de linguagem: oral, gestual, corporal, plástica, etc. Valorizar essas manifestações é primordial não só para auxiliar o professor a compreender como o aluno aprende, o que pensa e o que quer, mas também para o próprio desenvolvimento do aluno. Portanto, aceitar e procurar entender a maneira peculiar que cada um tem de se expressar e de se comunicar faz parte do trabalho do professor no processo de ensino.

Em se tratando de produção coletiva de um texto, também é necessário incentivar a participação de todos, não permitindo que sempre os mesmos alunos conduzam e monopolizem a fala, sendo apenas suas idéias as únicas a serem consideradas e registradas. É preciso dar voz a todos! O professor, enquanto interlocutor, terá que mediar esse processo de criação coletiva, organizando a situação de forma que todos possam participar. Todavia, é importante estar atento para que os alunos não percam seu modo natural e espontâneo de manifestar-se. Dialogar é fundamental, mas que seja de modo verdadeiro. Ampliar as idéias dos alunos, sim. Ignorá-las ou alterá-las, não! Lembre-se, também, que seu objetivo é levá-los a se colocarem, falando o que pensam.

Já no caso da utilização de textos de outros autores para a produção de novos textos ou para a reflexão sobre os mesmos, podemos propor que os alunos:

- ⌘ recontem o texto;
- ⌘ comentem sobre os textos (parte de que gostaram ou de que não gostaram);
- ⌘ relatem o início, o meio ou o fim do texto;
- ⌘ modifiquem parte do texto;
- ⌘ alterem o tipo de texto (de história em quadrinhos para um conto, por exemplo);
- ⌘ comparem e comentem o texto, concluindo e relacionando seu conteúdo com a vida.

Ao sugerir a criação e recriação de textos, é importante propor temas interessantes e que se relacionem, de fato, ao dia-a-dia dos alunos, explorando o contexto e os diferentes sentidos que cada aluno dará aos significados expressos. É interessante chamar atenção para os diferentes tipos de textos, contribuindo para que os alunos sejam capazes de escrever e reconhecer os gêneros existentes, os autores dos mesmos, os tipos de letras usadas, os assuntos tratados, etc.

Todo trabalho feito a partir de textos de outros autores deverá ter como ponto de partida a compreensão da idéia central dos mesmos.

Sabemos que há várias classificações de textos, segundo diferentes autores. Porém, o que importa para o aluno é compreender sua função e não necessariamente sua classificação. Por exemplo: saber que uma entrevista é um texto de imprensa ou um texto informativo, não faz muita diferença para o aluno, e sim compreender para que serve, como se estrutura e suas características.

Registrando as expressões dos alunos

Há expressões orais dos alunos que serão utilizadas para registro escrito: a novidade contada, o resumo do capítulo da novela, uma mensagem para um amigo doente, a observação de um experimento científico, etc. Esses registros servirão como material de suporte para a escrita. De início, o professor será o escriba do grupo, atentando-se para o fato de que deverá registrar o que os alunos dizem e não o que gostaria que dissessem sobre o assunto. Isto significa não induzir a fala dos alunos, mas permitir que tenham suas próprias colocações, opiniões e conclusões. Em alguns casos, no entanto, o professor talvez precise discutir com a turma as colocações feitas oralmente, refletindo, em conjunto, sobre os conhecimentos e valores apresentados, antes de registrá-los.

Essas produções deverão ficar à disposição da turma, para que os registros possam ser aproveitados posteriormente, atendendo a objetivos diferentes, de acordo com o planejamento das atividades. Será necessário explorar formas diferentes de registrar: registro coletivo

no bloco, reprodução dos textos dos alunos, criação de livros coletivos e individuais das histórias criadas e/ou recontadas, registro individual em folhas de papel ofício e montadas numa sanfona de cartolina, mural com os textos elaborados a partir de um tema, etc.

É interessante arrumar os materiais produzidos, de modo que a sala de aula reflita sempre o tema que está sendo trabalhado. À medida que ele seja substituído, o material escrito que serviu de apoio deve passar a ocupar um local secundário, mas acessível aos alunos, para que possam recorrer a ele sempre que necessário, como suporte para a escrita de novos textos. Esse material deverá fazer parte do acervo da sala de aula e da história do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

É importante lembrar que, durante o processo de construção coletiva e registro dos textos, o professor deve trabalhar com os alunos de modo a fazê-los compreender que o texto falado, ao ser escrito, poderá apresentar outra estrutura, ou seja, as características de um texto escrito são diferentes das de um texto oral.

Revisando os textos produzidos oralmente e registrados pelo professor

Embora seja fundamental respeitar as idéias dos alunos, podem ocorrer situações de produção textual que fujam ao que foi combinado anteriormente com a turma, afastando-os da temática central e, com isso, comprometendo o conteúdo e/ou a estrutura do texto. É o caso, por exemplo, de a turma ter decidido escrever coletivamente uma carta, e determinado aluno, durante a atividade, passar a relatar, narrar uma situação, fugindo assim do tipo de texto definido anteriormente (carta). Será importante discutir com o aluno e esclarecer o fato, alertando para as características de cada texto. Se o aluno registrou o texto no quadro, imediatamente após o registro, será fundamental realizarmos juntos o trabalho de revisão, observando se o conteúdo do texto está coerente com o que se quis dizer, se há elementos faltando, etc. Assim, todos

compreenderão a necessidade do processo de revisão em que, pela mediação do professor ou de outro aluno, pode-se refletir sobre o texto produzido.

A revisão do texto poderá ocorrer várias vezes, em dias seguidos e com objetivos diferentes. O mesmo texto, relido no dia seguinte, poderá permitir que os alunos percebam a necessidade de acrescentar ou retirar elementos nas estruturas frasais para que fique mais claro; ou que algumas idéias importantes ficaram faltando; ou que, ao serem escritas, algumas palavras do texto passam a ter características que as diferem da fala (falamos patu e escrevemos pato); ou que determinados organizadores do texto necessitam ser substituídos ou eliminados, para que não se tornem repetitivos (aí, aí, e, e, e...). O que não se deve fazer é revisar todos os aspectos ao mesmo tempo.

Por mais demorado que esse processo de revisão possa parecer, ele é de fundamental importância e deve ser realizado, tanto no texto que é registrado pelo professor, quanto nos que venham a ser escritos pelos alunos. Essas revisões devem ser feitas de modo agradável, sem que o aluno tenha a sensação de que é um momento de pura correção dos seus erros ou uma forma de punição. E, para que o processo seja encarado de maneira natural e produtiva, é vital que o professor estabeleça na sala de aula um clima de respeito, confiança e amizade entre os grupos. Assim, poderá fazer com que os alunos percebam que seu objetivo é de que todos reflitam sobre o material produzido, buscando, dia-a-dia, escrevê-lo melhor, de forma que chegue ao leitor como foi concebido e planejado.

Vale lembrar que o processo de revisão de texto pode ser feito em grupos, em duplas, mas sempre com a presença do(s) autor(es).

Aos poucos, o próprio aluno vai realizar esse processo em seus próprios textos, de modo a clarificá-los cada vez mais.

Copiando os textos

Nem todos os textos produzidos pelos alunos e registrados pelo professor e/ou pelos próprios alunos precisam ser copiados pelo grupo. Mas, quando isso acontecer, é muito importante que se tenha clareza do objetivo da atividade: copiar um bilhete para casa, copiar um texto para montar um mural, copiar uma poesia para deixar registrada no caderno podem fazer parte da proposta de trabalho do professor, no entanto, não devem se transformar em atividades centrais de seu planejamento. As produções dos alunos devem ser valorizadas e contextualizadas.

Durante o momento em que o aluno estiver copiando do quadro ou do bloco, poderão surgir dúvidas relativas à separação das sílabas, já que normalmente a frase apresentada não cabe na linha do caderno. O aluno passa a espremer a letra para reproduzir a frase conforme o modelo. É a oportunidade, pois, de se discutir com o grupo a função da separação de sílabas nas palavras. E, desse modo, coloca-se uma forma funcional de trabalhar a questão, deixando de lado aqueles exercícios mecânicos e sem sentido de separar as sílabas.

Se o professor solicitar do aluno a cópia de parte de um texto (início, parte de que mais gostou, etc) ou mesmo se ele próprio quiser fazê-lo, é preciso ter o cuidado de deixar claro que o texto registrado faz parte de um outro mais completo. Portanto, é necessário que se trabalhe a pontuação que deverá ser usada: reticências, aspas e outros sinais de pontuação.

Alguns alunos têm dificuldade de copiar do quadro para o caderno, ou seja, têm dificuldade em realizar a transposição de um plano para outro. Facilite essa tarefa para os que precisarem, colocando o texto no mesmo plano, ou seja, sobre a mesa do aluno.

Os textos copiados ou produzidos pelo grupo servirão de materiais de apoio para o aluno na ocasião de suas escritas espontâneas.

Trabalhando a compreensão dos textos

A elaboração e o registro de um texto, assim como os textos trazidos para a turma, vêm acompanhados de um trabalho de compreensão dos mesmos. Pode-se solicitar que os alunos desenhem, dramatizem, respondam a perguntas sobre o conteúdo do texto etc. Assim, se perceberá o que cada um compreendeu. Opinar, refletir, criticar o que foi lido e/ou produzido por si mesmo e pelos colegas é sempre proveitoso.



E.M. Firmino Costa - E/6ª CRE

Buscando um trabalho interdisciplinar

Quando o grupo está trabalhando com um determinado texto, é importante verificar que conteúdos/conceitos/áreas poderão ser explorados a partir do mesmo, de forma que se contemplem as demais áreas de conhecimento. Dar asas à imaginação ajudará muito no desenvolvimento de idéias e atividades contextualizadas e atraentes. O mesmo raciocínio serve para o inverso, por exemplo: nas discussões de

conceitos sobre os seres vivos, os alunos optaram por aprofundar suas pesquisas sobre as plantas; a partir daí, foram em busca de textos afins (propagandas de plantas medicinais, receitas de chás caseiros, listas de plantas conhecidas pelos familiares, plantas venenosas, etc), trabalharam diferentes conceitos inerentes aos conteúdos identificados e, também com o auxílio do professor, trataram de questões específicas da Língua.

Analizando a Língua

Para que o aluno se aproprie da leitura e da escrita, o trabalho a ser desenvolvido pelo professor em sala de aula deve ter o seguinte movimento:



Várias são as atividades que devem ser propostas pelo professor aos seus alunos com o objetivo de analisar a Língua, dentre elas:

- ⌘ Propor que os alunos comparem as palavras do texto, buscando encontrar semelhanças e diferenças entre elas.
- ⌘ Comparar também com palavras já conhecidas (próprio nome, nome de outros colegas, etc).
- ⌘ Realizar atividades nas quais eles observem as palavras que possuem o mesmo número de sílabas, as que apresentam as mesmas sílabas iniciais ou finais, etc.
- ⌘ Formar conjuntos com palavras que comecem com a mesma sílaba.
- ⌘ Pesquisar palavras com as sílabas destacadas.
- ⌘ Envolver as sílabas pedidas, reconhecendo-as e escrevendo outras palavras a partir delas.

Na produção dos textos escritos pelos alunos, o professor deve estar sempre auxiliando e propondo escritas compartilhadas em que possam ir, a cada dia, ganhando mais autonomia. Incentivá-los a escrever cada vez mais, sozinhos, também faz parte do processo, mas para isso é fundamental que o professor esteja mediando, intervindo, significando, ou seja, levando-os a pensar sobre a Língua. Acreditamos que não há uma mesma referência de palavras ou textos para todos os alunos, nem mesmo uma ordenação de complexidade na ordem das sílabas ou fonemas a serem apresentados. Cada situação é ímpar e depende dos conhecimentos anteriores trazidos pelos alunos, das possibilidades de relações que se possam estabelecer e, principalmente, do conhecimento e atenção do professor em explorar, naquela determinada situação, o conteúdo da Língua a que melhor se ajuste (relação grafema-fonema, relação oralidade – escrita, sinais gráficos, uso correto de letra maiúscula e minúscula, etc). Vejamos um exemplo:

A professora X montava com seus alunos um texto, onde cada criança falava sobre os sonhos que suas mães tinham. Um aluno relatou o seguinte texto, que foi registrado pela professora:

A minha mãe é boa, mas às vezes fica brava.

Eu gosto muito da minha mãe.

O maior sonho da minha mãe é morar na Pavuna, perto da minha irmã Maria.

A partir dessa produção, as próprias crianças poderiam comparar as palavras e perceber semelhanças entre elas, concluindo ser o /m/ o grafema que mais se repetiu no texto. A professora aproveitaria para analisar a língua escrita, pesquisando e comparando sílabas e sons, por exemplo, chamando a atenção das sílabas ma/Maria, mi/minha, mo/morar que são diferentes de mãe/ maior /irmã. O grupo poderia, também, pesquisar outras palavras com as sílabas comparadas, fazer caça-palavras, dominós de sílabas, bingo e tantas outras atividades em que analisassem as palavras. É imprescindível que o professor, além dessas

e de outras atividades de análise, propicie aos seus alunos momentos de produção de escrita individual.

Realizar o processo de revisão, discutindo as palavras que se repetem muito no texto e buscando formas de substituí-las, também é uma atividade importante nessa proposta.

Indo mais adiante, o grupo poderia desviar o interesse sobre o assunto inicial – sonhos – para falar sobre bairros, querendo, por exemplo, localizar a Pavuna no mapa da cidade. Outro exemplo seria a possibilidade de cada um querer escrever o nome do seu próprio bairro e compará-lo com o do bairro dos colegas. O grupo poderia ainda estar montando um gráfico indicando quantos moram no bairro X, no Y e assim sucessivamente. Desse modo, outros textos certamente surgiriam, contextualizados e significativos, com grandes oportunidades de reflexões não só em Língua Portuguesa como também em Matemática, em Ciências, em História, em Geografia e em Arte.

Provavelmente, o planejamento da professora pode ser modificado em função dos interesses do grupo e do curso que o texto inicial for tomando. Porém, se ela realmente estiver atenta às questões que vão surgindo no dia-a-dia da sala de aula, saberá não só aproveitar as oportunidades, como também organizar o desenvolvimento do trabalho.

PROPOSTA DE TRABALHO COM A MATEMÁTICA



E.M. Doutor Cícero Penna - E/2ª CRE

O ensino e a aprendizagem da Matemática no 1º Ciclo de Formação devem aproveitar a bagagem de conhecimentos informais que a criança traz sobre números e operações, medidas, espaço e forma. Partindo disso, o professor organiza seu planejamento, buscando levar o aluno a construir o significado de número natural e operações, com ênfase na adição e na subtração. Procura criar situações para que seus alunos desenvolvam procedimentos de cálculo mental, escrito, exato e aproximado; aprendam a medir, fazendo uso de instrumentos de medidas, convencionais e não-convencionais; interpretem e forneçam instruções de posicionamento

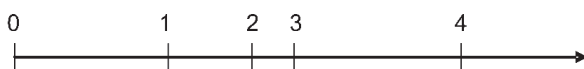
e deslocamento no espaço e utilizem tabelas e gráficos para tratar informações.

É partindo de situações-problema extraídas do contexto social do aluno, mediando sua fala na passagem do pensamento para a escrita e relacionando a língua materna à linguagem matemática que o professor terá seu trabalho melhor efetivado.

O aluno, por sua vez, ao expressar oralmente e criticamente as observações feitas por ele próprio e pelos seus colegas, reflete e compartilha os conceitos que vai formando. O professor enquanto mediador permite que ele produza e registre representações espaciais, pictóricas, simbólicas e mesmo textos que expressem suas observações, cálculos, reflexões e conclusões.

Por exemplo, sabe-se que muitas vezes o aluno memoriza a seqüência numérica e pode até reproduzi-la, sem, no entanto, aprender o valor quantitativo de cada número da seqüência. Entretanto, se o professor levar o aluno a associar uma quantidade a cada número da seqüência, ele pode perceber que o número seguinte será encontrado ao se acrescentar um ao número anterior.

Traçar uma reta numérica e pedir que o aluno anote os números sobre a reta, pode ajudar na construção significativa da seqüência numérica. É importante saber que o zero é um conceito muito difícil de ser compreendido. Não anote todos os números na reta. Deixe o aluno fazê-lo. Observe que, ao traçar a reta, a unidade de medida dos números deve ter sempre o mesmo tamanho. É errado fazer por exemplo:



Deixar a reta assim: 

para os alunos completarem, pode ser uma boa sugestão de atividade.

Quando o aluno for ao quadro anotar os números, pode-se propor a construção de uma tabela. Na coluna da esquerda teremos a seqüência numérica com os algarismos indo-arábicos e na coluna da direita o espaço para sua escrita. Por exemplo:

Número	Escrita
1	um
2	dois
3	três

Nem todos os alunos irão completar ou escrever os números corretamente. Isso faz parte da alfabetização. Pelo menos, todos poderão visualizar, associar e comparar as escritas dos números. Uma 3ª coluna ainda poderá ser incluída, para representar a quantidade de unidades referentes ao número escrito, e assim teremos:

Número	Escrita	Quantidade
1	um	○
2	dois	□ □
3	três	△ △ △
.....

Vale destacar que não é necessário insistir que aluno preencha todos os espaços. Importa o conhecimento, a criatividade e a percepção do professor de ver até onde pode ir com cada aluno.

O professor não precisa esgotar todas as atividades envolvendo determinado assunto em seqüência (por exemplo, sistema de numeração). Pode alternar com operações, geometria, medidas e retornar para os números, semanas depois. É uma forma saudável de reconstruir certos conceitos. Aliás, tudo é muito interligado dentro da própria Matemática; as áreas matemáticas se completam, se articulam. Uma ajuda a outra na construção e no entendimento de um conceito.

Aqui está apenas uma introdução ao trabalho com a Matemática; é interessante que grupos de professores possam ser formados na escola e que discussões sejam travadas na busca de um trabalho interdisciplinar de qualidade e de consistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, A. M. C. **Matemática no 1º Ciclo de Formação**. Rio de Janeiro, 2002. Trabalho não publicado.

BOZZA, S. M. Tempo de alfabetizar... com textos. In: TEMAS EM EDUCAÇÃO JORNADA 2003, Rio de Janeiro: Futuro Congressos e Eventos, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: MEC, 1997.

FREITAS, L. C. **Ciclos , Seriação e Avaliação: confronto de lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003.

LIMA, E. S. **Quando a criança não aprende a ler e a escrever**. São Paulo: Sobradinho 107, 2002.

_____. **Ciclos de Formação: uma reorganização do tempo escolar**. São Paulo: Sobradinho 107, 2000.

LURIA, A. R.; VYGOTSKY, L. S.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Avaliação: Ensinar para Valer! Aprender para Valer!** Rio de Janeiro: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.

_____. _____. **Multieducação: Núcleo Curricular Básico**. Rio de Janeiro, 1996.

ROCHA, G.; SOARES, M. **Português: uma proposta para o letramento alfabetização**. Livro do Professor. São Paulo: Moderna, 1999.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 10 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul./ago. 2003.

Impressão e Acabamento

Gráfica Posigraf

Fone: 41 - 3212-5400

email: posigraf@posigraf.com.br

Curitiba - PR - Brasil